

Tekoa, cidade e *nhanderekó*: cultura guarani nas aldeias do Jaraguá, São Paulo

Giulio Michelino

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Porto Kok (Escola da Cidade).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2019.

Este artigo aborda um conjunto de aldeias indígenas situadas na Terra Indígena Jaraguá, região oeste da cidade de São Paulo. Tekoa Ytu, Tekoa Pyau e Tekoa Ita Vera, aldeias do povo Guarani Mbya, encontram-se inseridas na região da metrópole paulistana, diferenciando-as da grande maioria das aldeias indígenas, que mantém certo afastamento das áreas urbanizadas. Com o objetivo de compreender a resistência da cultura

indígena, especificamente no caso das aldeias do Jaraguá, este trabalho investiga, a partir de diversos instrumentos de pesquisa (desde cartografias e dados censitários até levantamentos feitos em campo e documentos teóricos que tratam do tema da cultura indígena), como ocorre a interlocução conflituosa entre os Guarani Mbya, os não indígenas e o poder público em relação aos aspectos territoriais, sociais e culturais.

Palavras-chave: indígenas Guarani Mbya; aldeias do Jaraguá; território guarani.

Tekoa, city, and *nhanderekó*: Guarani culture in Jaraguá villages, São Paulo

This article discusses a set of indigenous villages located in the Jaraguá Indigenous Land, in the western region of the city of São Paulo. Tekoa Ytu, Tekoa Pyau, and Tekoa Ita Vera, all villages of the Guarani Mbya people, belong to São Paulo metropolitan region, making them different from the vast majority of indigenous villages, which are usually distant from urbanized areas. The objective of this article is to understand the resistance of indigenous culture, specifically of the Jaraguá villages, and how a conflicting dialogue between the Mbya Guarani, the non-indigenous, and the public power takes place in territorial, social, and cultural terms. The research tools varied from cartography and census data to surveys carried out in the field, as well as theoretical documents dealing with the theme of indigenous culture.

Keywords: Guarani Mbya indigenous; Jaraguá villages; Guarani territory.

Tekoa, ciudad y *nhanderekó*: cultura guaraní en las aldeas de Jaraguá, São Paulo

El artículo aborda un conjunto de aldeas indígenas ubicadas en la Tierra Indígena Jaraguá, región oeste de la ciudad de São Paulo. Tekoa Ytu, Tekoa Pyau y Tekoa Ita Vera, aldeas del pueblo Guaraní Mbya, se insertan en la región de esa metrópoli, diferenciándolas de la gran mayoría de los pueblos indígenas que mantienen cierto alejamiento de las áreas urbanizadas. Con el objetivo de comprender la resistencia de la cultura indígena, específicamente en el caso de las aldeas de Jaraguá, este trabajo investiga, utilizando diversos instrumentos de investigación (desde datos de cartografía y censos hasta análisis realizados en el campo y documentos teóricos que tratan el tema de cultura indígena) cómo se produce el diálogo conflictivo entre los Guaraní Mbya, los no indígenas y el poder público en relación a los aspectos territoriales, sociales y culturales.

Palabras clave: indígenas Guaraní Mbya; pueblos de Jaraguá; territorio Guaraní.

1. POVOS GUARANI DA AMÉRICA DO SUL: ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS

Os Guarani, presentes em diversas regiões da América Latina (Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil), constituem um povo indígena expressivo, tanto demograficamente quanto politicamente. Apesar dessa unidade, algumas diferenças culturais dividem os Guarani em três grandes grupos: Nhandeva, Kaiowá e Mbya.

Segundo levantamento do Mapa Guarani Continental feito em 2016, a população Guarani é de quase 300.000 indivíduos; sendo que 54.825 estão na Argentina, 61.701 no Paraguai, 83.019 na Bolívia e 85.255 no Brasil.

Os Guarani Mbya, na capital e no litoral de São Paulo, no litoral dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, e Santa Catarina, principalmente; os Guarani Nhandeva, ou simplesmente Guarani, como eles se autodenominam, no sul de Mato Grosso do Sul, interior do Paraná e de São Paulo; e os Guarani Kaiowá que, em território brasileiro, são encontrados apenas no sul do Mato Grosso do Sul. (MOTTA, 2007, p.76).

O deslocamento territorial é um importante aspecto para se compreender a cultura guarani. Antes dos conflitos de colonização decorrentes da chegada dos europeus, as ocupações Guarani se davam de forma mais livre no território, além de apresentar uma ocupação transitória nos assentamentos. Independentemente do período em que se dão as migrações, a cosmologia sempre esteve associada a este movimento. *Yvy Marã E'y*, traduzido em 1914 por Nimuendaju como "terra sem males", é, para os Guarani, o lugar onde não estão presentes os problemas mundanos que existem na Terra — local buscado pelos Guarani para que eles possam exercer plenamente seu modo de vida. "Lugar onde não existe dor, medo, fome e nem frio, a terra sem males é uma terra espiritual" (MIRIM, 2019, p.81). Dessa forma, compreende-se que o caminhar até *Yvy Marã E'y* é um dos fatores motivadores dos fluxos migratórios Guarani.

As *tekoas*, espaços onde os Guarani exercem seu modo tradicional de viver, eram alteradas de tempos em tempos

no momento em que o *Xeramõi* (líder espiritual) dizia que era necessário ir para outro território.

O sentido da palavra *tekohá* é "um lugar de costume e de modo de vida"; é produto da cultura e também produz cultura. *Tekó* significa "modo de ser, modo de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, hábito, condição, costume [...]"; como se entendia já antes da chegada de espanhóis. O *tekohá* é onde se dão as condições para ser Guarani. A terra, concebida como *tekohá*, é também um espaço econômico, mas, em primeiro lugar, um lugar cultural e sócio-político. O *tekohá* significa e produz, ao mesmo tempo, relações econômicas, relações sociais e organização político-religiosa essenciais para a vida Guarani: sem *tekohá* não há *tekó*, sem território não há vida Guarani. Entre os Guarani Ocidentais, para *tekohá* se diz *tenta*, que também significa pátria e aldeia. (EMGC, 2016, p.12).

Contudo, o local onde grupos Guarani viveram nunca é abandonado: ele ganha significado ao ser rememorado pela tradição oral. A *opy* (casa de reza) é erguida em um lugar que se torna sagrado e que marca o território Guarani e, mesmo quando a construção física se acaba, a *opy* continua existindo (VEIGA; AZEVEDO; COLMAN, 2013, p.49).

Na leitura proposta aqui, lançamos mão da busca por *Yvy Marã E'y* em três momentos históricos como guia da compreensão de uma territorialidade Guarani. A partir da colonização europeia nas Américas, os Guarani vêm se adaptando às pressões territoriais e, ao mesmo tempo, dinamizando sua concepção de mundo. Com esse processo de invasão e extermínio e, posteriormente, da formação dos Estados Nacionais, delimitam-se novas fronteiras e territórios, antes ocupados por diversos povos indígenas, que são apropriados e fragmentados, fazendo com que a população originária seja submetida à gestão estatal. Esse processo acarreta a submissão ao modelo socioeconômico europeu, inicialmente o mercantilismo, que viria a originar o capitalismo como

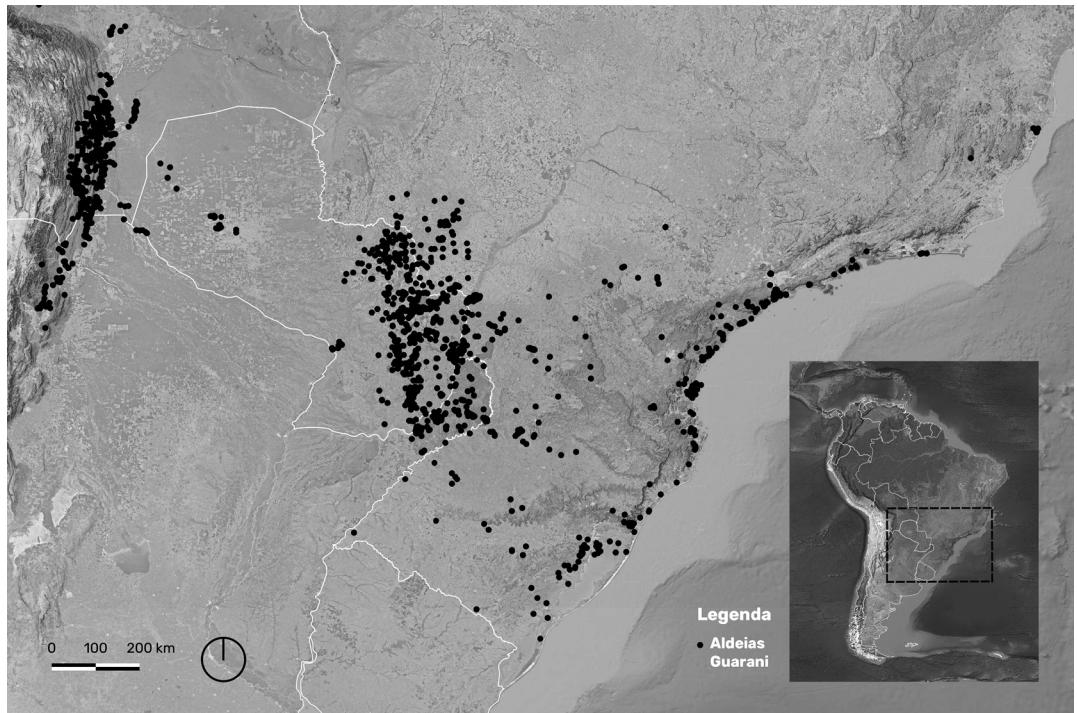


FIG. 1:

Aldeias guarani na América do Sul.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do GOOGLE, 2019; IBGE, 2017; MAPA DIGITAL GUARANI; 2019.

se conhece. A partir do estudo sobre a imposição de uma organização social oposta à concepção de mundo das populações indígenas, particularmente a guarani, apresentamos a demarcação de terras e a adaptação social e cosmológica frente às questões de territorialidade e deslocamentos deste grupo na atualidade.

Com o tempo, com a modernidade também, com a escola, olha só, não tô dizendo que é ruim, mas enfim. Essa coisa de procurar a Terra sem Males ela foi perdendo a mística, porque por exemplo, no passado antigo, onde não tinham cidades, os antepassados procuravam a Terra sem Males. Agora não, porque a gente sabe que o mundo é redondo, do outro lado do mar tem a Europa, tem a África. Do outro lado do mundo tem o Japão. Então essas coisas foram perdendo.

Só que assim, porque foi perdendo, mas não foi totalmente perdido? Porque para nós Guarani o *Yvy Marã E'y*, que é a Terra sem Mal, ela é espiritual. Então ela está em algum plano. Isso talvez

a gente alcance quando desencarnar. (Jurandir Karai Jekupe, entrevista realizada em 12 set. 2019).

1.1. PERÍODO PRÉ-COLOMBIANO: MOBILIDADE

Historicamente, os povos Guarani habitavam um grande território, atualmente em partes do Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia e Brasil. No Brasil, os primeiros aldeamentos Guarani de que se têm conhecimento encontram-se no litoral da região sudeste e hoje correspondem à etnia mais populosa do país, contando com aproximadamente 85 mil pessoas em território nacional.

A territorialidade guarani implica numa transitoriedade intrínseca ao seu modo de ser, uma vez que a aldeia é desabitada em busca de outros territórios e da Terra sem Mal. Ainda assim, o lugar onde antes houve ocupação permanece na memória e se mantém como um espaço para onde sempre se pode retornar. Essa noção é muito diferente daquela imposta pela colonização jurua (não-indígena), que entende a terra como propriedade privada, estática e intransitável (LADEIRA, 1989,



FIG. 2:

Casa de reza da Tekoa Itaxi Miri, Parati, 2016.

Fonte: Foto de Anete Nascimento. Acervo pessoal.

p.61). Isto é, a concepção de espaço dos Guarani compreende não só as aldeias existentes, mas também aquelas que deixaram de existir, aquelas com requisitos ambientais necessários para que se possam fundar novos assentamentos, e as paradas estratégicas entre excursões e caças: todo esse espaço compreende o território Guarani.

1.2. OS SÉCULOS INICIAIS DA COLONIZAÇÃO JURUÁ

Durante a colonização da chamada América portuguesa, a campanha de catequização e escravização dos povos indígenas levou ao aniquilamento de aldeamentos e nações inteiras. Assim, o que antes era a procura por uma Terra sem Mal, em que o encontro com os deuses seria facilitado, torna-se a busca por um território livre do homem branco. Nessa leitura, a ideia da procura por uma Terra sem Mal é também a esquiva da presença do europeu em busca da mata onde a natureza permite a reprodução de sua cultura e meios de vida (*nhanderekó*). Pode-se dizer, portanto, que os deslocamentos Guarani no período da

colonização também são determinados pelo avanço europeu no continente.

No entanto, ainda no século XIX, são registradas algumas migrações de grupos Guarani Mbya vindos do Paraguai e do interior do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo em direção ao litoral paulista, carioca e capixaba. Maria Inês Ladeira explica o processo de migração dos Guarani Mbya em direção ao litoral brasileiro a partir da cosmologia: "a busca da terra sem mal (*yvy-maraey*), da terra perfeita (*yvyju-miri*), o paraíso, onde para se chegar é preciso atravessar a 'grande água'" (LADEIRA, 1989, p.58), sendo essa "grande água" o Oceano Atlântico. Desta maneira, podemos inferir que, apesar da noção de mobilidade guarani pela esquiva do homem branco, também há a permanência, em sua cultura, da cosmologia ancestral ligada a uma concepção original e territorial da Terra sem Mal.

1.3. CONTEMPORANEIDADE: MULTILOCALIDADE

Falar de territorialidade guarani na contemporaneidade é, sem dúvida, uma empreitada complexa. O entendimento é afetado não apenas pelas transformações

geradas pelo contato com uma cultura capitalista crescentemente globalizada, mas também pela política da luta pela demarcação de terras e gestão estatal do território indígena.

Para compreensão da territorialidade guarani na chave de sua cosmologia contemporânea, alguns autores, como o antropólogo Daniel Pierri, reinterpretam a busca da Terra sem Mal através da corporalidade. A partir dessa concepção, a Terra sem Mal é encarada como um espaço apropriado para a realização do modo de vida guarani tanto do ponto de vista da economia quanto da ecologia. Segundo o autor, a própria expressão *Yvy Marã E'ý* poderia ser traduzida por "terra onde não se morre", uma morada celeste em outro plano espiritual que alguns poderiam alcançar. Isso aponta uma oposição entre o perecível (*marã*) e o imperecível (*marã e'ý*), o que é do mundo terrestre e o que é do mundo celeste, o que morre e se decompõe e o que é imortal e permanece.

Existe também, entre os Guarani, o pressuposto de que todos nós, habitantes do mundo terrestre, estamos na condição de *tekoaxy*, ou seja, nossos corpos são perecíveis e estão sujeitos à mortalidade. Contudo, seria possível atingir o estado de maturidade corporal a partir do *aguyje*:

Aguyje, que corresponde ao estado de maturidade corporal, que faz com que o corpo de uma pessoa possa ser levado a uma das moradas celestes, sem que pereça na terra, como ocorre com a maioria de nós, *tekoaxy*. Existem vários coletivos distintos formados por aqueles que no passado conseguiram esse feito, os *Nhanderu Miri*, e eles vivem em suas próprias moradas celestes, tidas como ilhas invisíveis a meio caminho entre o mundo terrestre e as moradas das divindades principais. [...]

A expressão "busca da terra sem mal" me parece inadequada tanto pelo emprego do singular para tratar das moradas celestes, como por passar a impressão de que bastaria encontrar a localização dessa morada celeste singular para realizar a utopia profética do *aguyje*, quando estamos, na verdade, diante de um processo de transformação corporal. (PIERRI, 2013, p.154).

Ao mesmo tempo que se compreende as colocações sobre *Yvy Marã E'ý* e a existência das moradas celestes, também entende-se que o conteúdo da terra constitui parte integrante do corpo, expressa na íntima relação entre homem e natureza que embasa a cosmologia guarani. Na concepção indígena, a terra, portanto, é "o próprio cosmos, vida e morte, corpo e espírito, peixes e estrela se encerram nela" (OLIVEIRA, 2006, p.93). "A terra é um espaço religioso, sagrado, de ocupação coletiva, da produção cultural." (BRIGHENTI, 2010, p.262).

Na entrevista feita com Sônia Ara Mirim, moradora da aldeia Ytu em São Paulo, foram discutidas duas visões contrapostas sobre territorialidade.

O conceito de territorialidade apresentado remete a uma espacialidade ampla e integrada, abrangendo diversidades étnicas e culturais, enquanto o conceito de terra se mostra limitado fisicamente por uma fronteira política.

Tem muita diferença de território para terra. Aqui a gente fala Terra Indígena Jaraguá, não é porque é Terra Indígena Jaraguá que lá na Praça da Sé é Terra Indígena Jaraguá. Aqui [cidade de São Paulo] é Território Guarani. No litoral a mesma coisa, no litoral sul e no litoral norte. Lá são territórios. Território dos Guarani Mbya, tem território dos Tupi Guarani, tem território de outras etnias que devem ter lá. E tem as terras. Terra Indígena Jaraguá, que é aqui. Mas tem todo território, tem um amplo, uma coisa mais grande. Não tem fronteira. Argentina é território, Paraguai é território, Uruguai, Bolívia, são territórios indígenas. Que podem viver vários povos dentro do território. (Sônia Ara Mirim, entrevista realizada em 13 de setembro de 2019).

A lógica das áreas de Terras Indígenas, que será detalhada mais adiante, assegura o direito aos espaços dos povos Guarani e a regularização de aldeias vítimas de expropriação, mas, contraditoriamente, confina as populações tradicionais em áreas insuficientes. A importância da demarcação de terras para os povos indígenas é inquestionável. Sem tal medida, ficam sujeitos ao desaparecimento gradual de sua identidade enquanto grupo social

ligado principalmente à terra. No entanto, a preocupação com a delimitação de um recorte cartográfico para os territórios indígenas surge da promoção da ocupação expansionista da sociedade nacional, que cria a categoria "Terra Indígena". Os limites e extensões das Terras Indígenas não levam em consideração os deslocamentos tradicionais dos povos Guarani, que buscam a terra à qual pertencem, na qual estão enterrados seus familiares, onde podem buscar a "terra sem males" e onde podem desenvolver seu modo de vida.

Frente a essa lógica territorial de ocupação, os Guarani apresentam uma nova forma para dar continuidade aos deslocamentos. No contexto contemporâneo, as aldeias inseridas nas Terras Indígenas mantêm um caráter estático, mas é recorrente o deslocamento de guaranis de uma aldeia para outra, bem como a constituição de novos territórios indígenas. Entre os Guarani Mbya, é comum que haja uma pessoa, uma família ou várias famílias que visitam ou até mesmo se mudam para outra aldeia. Muitos dos parentescos, inclusive, se dão em aldeias diversas: alguém que vive em São Paulo com primos e tios em Porto Alegre, avós em Divino do São Lourenço, Espírito Santo e um irmão em Paraty, todos em aldeias Guarani Mbya. A afinidade entre aldeias e o deslocamento dos Guarani entre elas demonstram que, entre os Mbya, essas movimentações ainda persistem e são características de sua cultura.

De acordo com a análise das antropólogas:

Uma adolescente Guarani de Karugua (PR) fã de Lady Gaga, me perguntou se nos EUA havia Guarani, e eu lhe respondi que não. Ela então nomeou as aldeias parentes que conhecia, como Ilha da Cotinga, Barragem, Jaraguá, Rio das Cobras etc... Como ela tinha muito interesse em Lady Gaga, imaginou que se houvesse Guarani nos EUA, ela teria uma chance de ir até lá. (VEIGA; AZEVEDO; COLMAN, 2013, p.49).

1.4. ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DOS GUARANI DIANTE DOS CONFLITOS COM OS JURUÁS

Mesmo após a chegada dos não-indígenas — chamados de *jurúas* pelos Guarani — nas terras que viriam a ser chamadas de Brasil,

parte dos povos que se encontravam no território se mantiveram em luta pela manutenção de seus costumes ao confrontar o modelo ocidental de sociedade (sem excluir o fato de haver trocas culturais). Este conflito se apresenta até hoje, mesmo que em um contexto completamente diverso, pelo embate de interesses de diversos agentes sociais; sejam ruralistas, agentes imobiliários, trabalhadores, comunidades tradicionais ou quaisquer outros. A partir de cada uma dessas perspectivas, são diversas as formas de compreender a terra e de lidar com seus recursos.

O discurso indígena desacorda da visão exploratória do território pois, primeiramente, não lida com as terras como propriedade privada, tirando assim o sentido de exploração para geração de lucro sobre ela.

Os Guarani costumam afirmar: "nós não vivemos para comprar terra, nós vivemos apenas para usá-la de acordo com nossos costumes". Para os Guarani a terra significa, em primeiro lugar, espaço de vida, um espaço onde realizam sua maneira de ser. As palavras *yvy* e *tekohá* podem ser traduzidas por terra e território. Obviamente, a terra tem sua importância como meio de produção, no sentido de poderem manter-se como grupo, para assegurar a existência de todos os familiares, mas não para acumular riquezas (EMGC, 2016, p.12).

Pelo fato de ser um espaço de subsistência de determinada comunidade, a Terra Indígena passa a merecer um maior cuidado em relação à preservação dos biomas, de modo que a população presente na área ocupada pelas aldeias coexista com o território e respeite a área de manejo. Tendo em vista que as culturas indígenas estão intimamente ligadas à natureza, o conhecimento das estruturas do meio ambiente se torna intrínseco ao seu modo de vida e, para tanto, deve-se respeitar o tempo dos ciclos naturais. Toda caça, colheita ou qualquer ação feita no ambiente tem um tempo determinado a ser executada. Nas palavras de Manoel Lima, da aldeia Tenondé Porã:

[...] a fase da lua diz muito. A cana de açúcar, por exemplo, a mandioca, tem que



FIG. 3:

Ocupação em frente à Prefeitura de São Paulo, São Paulo, 2019.

Fonte: Autor desconhecido. WERA, 2019, s.p.

plantar na lua cheia. [...] A gente faz isso, a gente tem esse tipo de conhecimento porque de modo geral a gente não usa veneno para espantar bicho. Na cabeça de guarani nunca entrou e nunca existiu esse tipo de atacar bicho com veneno. Então essa é nossa sabedoria de ter essa parte de cuidar das plantas. (PROGRAMA ALDEIAS, 2016, p.26).

Mesmo que abordado de diferentes formas entre as diversas etnias, o aspecto cultural dos povos tradicionais tem um grande diferencial em relação ao modo de vida convencional da sociedade brasileira (arrisco dizer da sociedade ocidental como um todo) e tem seu reconhecimento perante a Constituição Brasileira de 1988.

A Terra Indígena, espaço que o Estado garante para as populações originárias do território, é reconhecida, em sua Constituição, através de um processo contendo diversas fases e com diversos agentes, civis e públicos. Trata-se de uma propriedade da União, ainda que seja entendida como um tipo específico de posse que difere da propriedade privada e apresenta uma forma coletiva de ocupação

e uso do território. Atualmente, as Terras Indígenas regularizadas representam 12,2% do território nacional, com quase 107 milhões de hectares, distribuídas em todas as regiões do país e com predominância na região norte, na Amazônia Legal (FUNAI, 2019).

A gente esperaria muito que as demarcações de terras fossem concretizadas. O maior número de terras mesmo, porque é uma necessidade das populações indígenas. Por quê? Porque o nosso território sempre foi uma floresta. Território. E foi tirada essa floresta para moradia de pessoas que vieram depois.

Nós não temos mais como retornar essa floresta como era antes, mas já existem lugares que ainda nós podemos reconstruir, podemos morar para preservação. O importante hoje com as demarcações de terra não é ter um espaço, é ter espaços, mas para reflorestamento, para cuidar realmente da floresta. (Sônia Ara Mirim, entrevista realizada em 13 set. 2019).

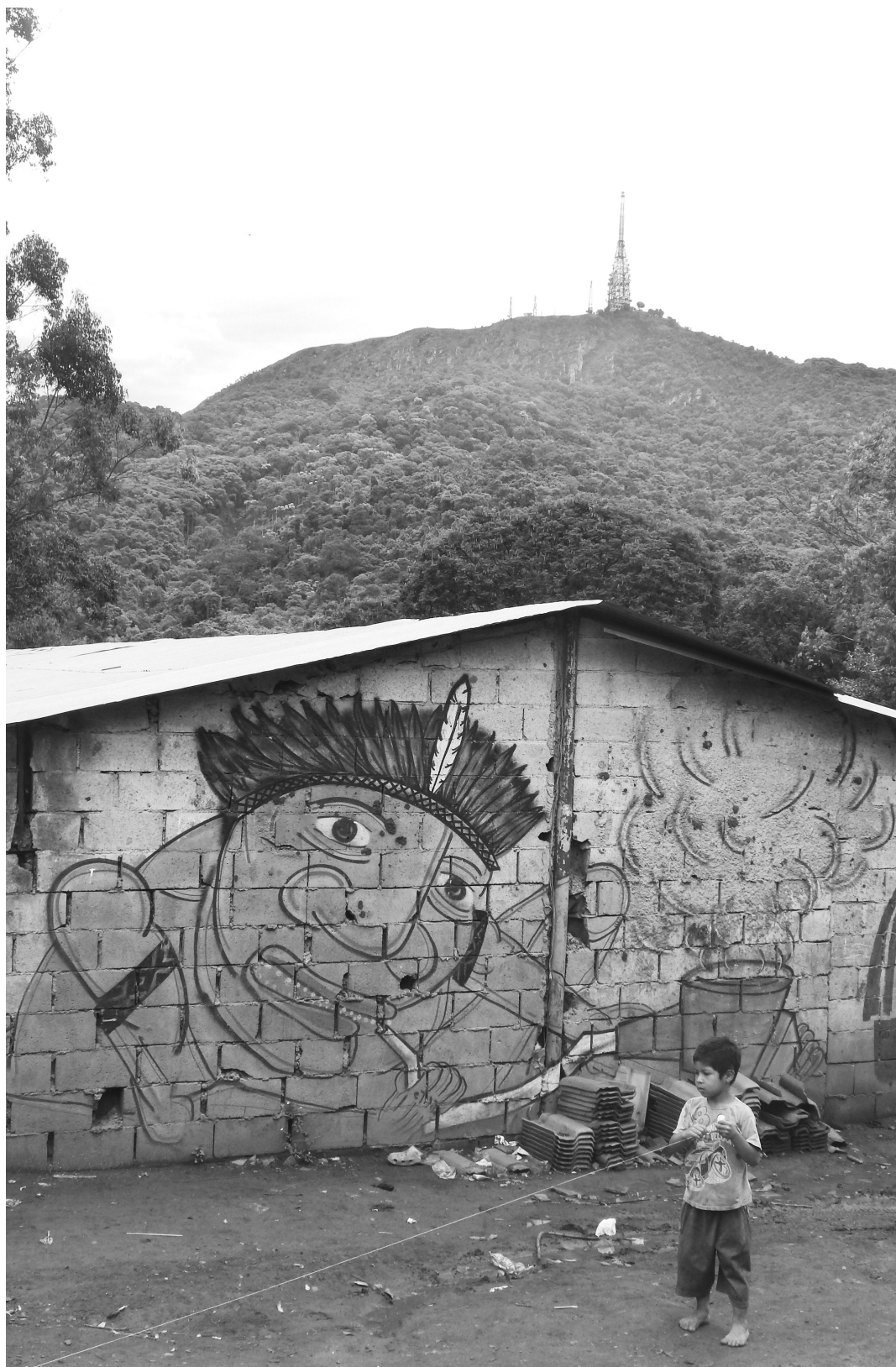


FIG. 4:

Menino na aldeia Tekoa Pyau, São Paulo, 2016.

Fonte: Foto de Anete Nascimento. Acervo pessoal.

1.5. CARTA TENONDERÃ

Uma das atuais estratégias políticas dos Guarani é a organização e mobilização das comunidades em espaços de manifestação, desde atos na Avenida Paulista, em São Paulo, até ocupações na frente do Congresso Nacional. As reivindicações dos Guarani Mbya, bem como de todos os povos originários, não se garantem apenas nas legislações presentes na Constituição ou em outros meios jurídicos: a luta por direitos se dá de forma ativa nas comunidades e diversas lideranças ganham um papel importante nesse cenário.

Para inserir o debate no recorte dos Guarani Mbya no Brasil, é importante ter conhecimento da Carta Tenonderã, lançada na Assembleia Legislativa de São Paulo, no dia 25 de fevereiro de 2010. Com o objetivo de apresentar o posicionamento e propostas dos Guarani sobre as temáticas de meio ambiente, educação, saúde, esporte, cultura e território, o documento foi redigido de forma colaborativa, buscando um diálogo entre as diversas comunidades indígenas. Parte de sua produção foi descrita em um noticiário do site da Câmara Municipal de São Paulo, lançado no dia 26 de fevereiro de 2010:

A Carta Tenonderã foi elaborada durante encontro com cerca de 200 jovens Guarani, de 14 diferentes localidades, na aldeia Tenondé Porã, que fica no bairro de Parelheiros, em maio de 2009. Depois deste encontro, as propostas foram levadas para diversas aldeias, para recolher a posição dos outros Guarani, especialmente dos anciãos e dos caciques.

Assinaram o documento 16 grupos indígenas, localizados na capital paulista, em Ubatuba, Mongaguá, Sete Barras, Bertioga, São Sebastião, Salesópolis, Cananéia, Miracatu e Pariquera-Açú; e também no Estado do Rio de Janeiro, nas cidades de Parati e Angra dos Reis. (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2010, s.p.).

Nessa carta, os Guarani Mbya colocam-se como conhecedores da *Ka'aguy ovy* (Mata Atlântica), tratando-a com respeito e reconhecendo o local como espaço sagrado. No documento, fica claro como

a espiritualidade é fundamental para os Guarani: quando se referem ao território, à natureza, aos animais ou aos eventos climáticos, há sempre um sentido sagrado e um cuidado para com as criações de *Nhanderu*, o criador da vida.

Junto às explicações da concepção de mundo dos autores da carta, há também um aspecto de denúncia dos atos contínuos de degradação ambiental por parte dos não indígenas, "o Guarani respeita a Criação, o *Juruá* ainda não aprendeu a respeitar" (INSTITUTO DE TRADIÇÕES..., 2009). Os desmatamentos, loteamentos e esgotamento dos recursos naturais, entendidos como essenciais para o desenvolvimento econômico, são inadmissíveis para os Guarani Mbya.

As reivindicações e posicionamentos presentes na carta, mesmo sendo elaboradas por parte dos Guarani Mbya do sudeste brasileiro, são questões-chave para compreender a luta por demarcações de terra e resistência cultural. Contudo, apresenta-se um desafio nas aldeias da Terra Indígena Jaraguá: como se dá o modo de vida guarani em aldeias que mantêm aspectos urbanos fortes em sua constituição?

2. AS ALDEIAS DO JARAGUÁ

No Estado de São Paulo existem 29 Terras Indígenas com algum tipo de reconhecimento por parte do governo, 12 delas já demarcadas e o restante em processo de demarcação. Todas juntas têm uma área equivalente a 45.663,9034 hectares, que em 2010 contava com uma população de 5.774 habitantes (IBGE, 2010). Considerando, portanto, os 5.036 habitantes que se encontram em terras com sua área já determinada, a densidade demográfica média nas Terras Indígenas do Estado de São Paulo é de aproximadamente 0,110 hab/ha, enquanto na Terra Indígena Jaraguá (tendo uma população de 583 habitantes e área equivalente à 532 hectares) a densidade é de 1,1 hab/ha. A Terra Indígena Jaraguá tem a maior densidade demográfica do Estado de São Paulo, seguida pela Terra Indígena Icatu, dos povos Kaingang e Terena, com 0,515 hab/ha e pela Terra Indígena Vanuire, dos povos Kaingang, Terena, Krenak, Fulni-ô

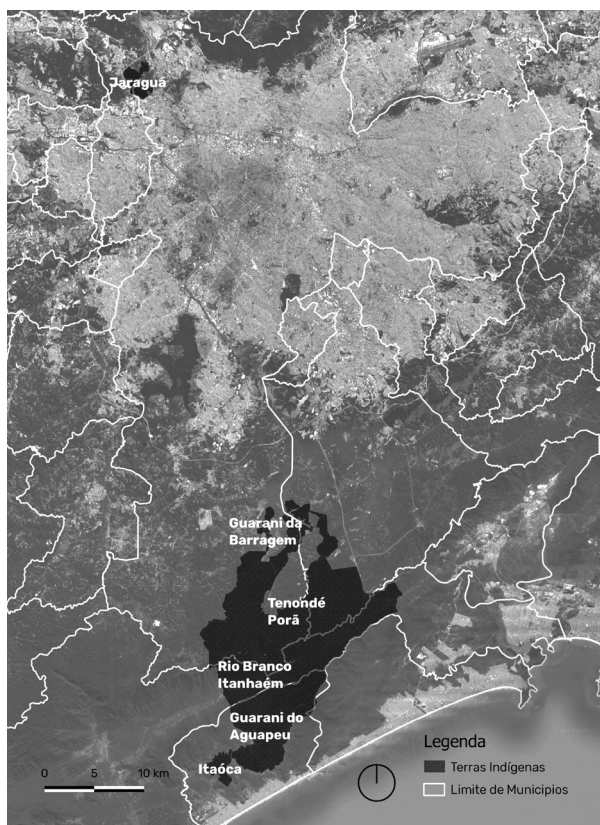


FIG. 5:

Terras Indígenas na região metropolitana de São Paulo.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do GOOGLE, 2019; MAPA DIGITAL GUARANI, 2019.

e Atikum, com 0,249 hab/ha, ambas na região oeste do Estado.

As aldeias apresentadas a seguir não se enquadram em uma conformação espacial comum, tanto internamente quanto no contexto de seus entornos. Devido à localização e às influências urbanas que cercam o Jaraguá, essas ocupações demonstram aspectos fundamentais para compreensão da constituição, características e discussões presentes nas aldeias da Terra Indígena Jaraguá, principalmente nas *tekoas* Ytu, Pyau e Ita Vera. No caso dessas aldeias, as questões dos conflitos entre territórios aparentemente antagônicos — a cidade e o território indígena — são latentes, mas também geradoras de uma troca cultural muito rica.

2.1. A PROBLEMÁTICA DAS ALDEIAS GUARANI NO CONTEXTO URBANO DA CIDADE SÃO PAULO

As três aldeias avizinhas da Terra Indígena Jaraguá, região oeste do município de São Paulo, são separadas pela Estrada Turística do Pico do Jaraguá e pela Rua Comendador José de Matos, e

ficam à beira da Rodovia dos Bandeirantes. Estas *tekoas* encontram-se inseridas na região urbanizada da metrópole paulistana, diferenciando-as da grande maioria das aldeias indígenas que, em geral, se mantém afastadas das cidades como, por exemplo, as aldeias Tenondé Porã e Krukutu, ambas na Terra Indígena Tenondé Porã, região rural de Parelheiros, ao sul do município de São Paulo.

Para além dos fatores externos, observa-se que as três aldeias do Jaraguá — Ytu, Pyau e Ita Vera — preservam, em sua morfologia, aspectos de urbanidade que dificilmente são vistos em outras aldeias. Nesse sentido, dois aspectos dessa territorialidade chamam a atenção: a proximidade de diversas construções e a distância que se tem de uma mata mais abundante.

A primeira peculiaridade que se pode apontar sobre essas aldeias da Terra Indígena Jaraguá diz respeito à densidade demográfica, isto é, à relação entre a quantidade de indivíduos aplicada em um território determinado. Ao se deparar com a maior parte das aldeias e Terras Indígenas (não só dos Guarani, mas dos povos indígenas em geral), a área definida do território é ampla em relação



FIG. 6:

Mapeamento da Ytu.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do GOOGLE, 2019; GEOSAMPA, 2019.

à quantidade da população que lá vive. Entende-se, assim, que a densidade demográfica seja relativamente baixa em tais territórios. Para se ter uma ideia de como se dão geralmente as ocupações dos Guarani, o território indígena Tenondé Porã, citado anteriormente, com área de aproximadamente 16 mil hectares e com uma população de aproximadamente 1.200 pessoas, apresenta uma relação de 0,075 hab/ha. O município de São Paulo, por exemplo, tinha, em 2010, uma alta densidade demográfica, equivalente à 73,982 hab/ha (IBGE, 2010). Por mais díspares que sejam essas situações, esses dois cenários nos servem de régua para discernir uma densidade populacional alta de uma baixa. Sendo assim, a Terra Indígena Jaraguá, com a densidade de 1,1 hab/ha, encontra-se em uma situação única de adensamento populacional em aldeias indígenas, precedente de inúmeras problemáticas de infraestrutura de saneamento básico e serviços públicos.

Quanto à escassez e distância que se tem da mata nestas aldeias do Jaraguá, é importante ter em vista que a cultura guarani está intimamente ligada à

natureza. Nota-se que o conhecimento da natureza é expresso na educação e na espiritualidade indígena e estes são fatores importantes na constituição da sociedade indígena como um todo. Dessa forma, essa distância se torna, entre outras coisas, um dilema cultural. A pequena área de mata preservada, utilizada como área de manejo pela comunidade, não oferece muito. Quase não há espaço para caça, pesca, plantação, colheita, extração ou quaisquer ações associadas à tradição guarani. Entretanto, ainda que a falta de área ambientalmente preservada dificulte algumas práticas culturais, isso não impede que os Guarani Mbya as exerçam apesar das limitações locais impostas pela escassez.

2.2. ORIGEM DAS ALDEIAS

Após a expansão da metrópole paulistana, Tekoa Ytu foi a primeira aldeia constituída no Jaraguá. Criada em 1966 com a vinda do casal Jandira Kerexu Augusta Vinicius Guarani e Joaquim Kuaray Augusto Martins Guarani e seus oito filhos, o espaço conseguiu se consolidar como aldeia e atrair cada vez mais guaranis que reconheciam o local como espaço de resistência.

Regularizada em 1988 como Terra Indígena com 2 hectares, Tekoa Ytu foi ao mesmo tempo ganhando direitos e adensando sua população. Com uma carência de infraestrutura e de espaço para comportar a quantidade de famílias que se agrupavam na aldeia, José Fernandes Karai Poty Guarani — o *Xeramōi* (líder espiritual) e Cacique (líder político de determinada aldeia) — ocupou uma terra em frente à aldeia já existente no Jaraguá. Como forma de luta para que o processo de demarcação de terras das aldeias do Jaraguá ocorresse, Jandira Kerexu, prima de José Fernandes, sugeriu que fossem construídas casas naquele lugar.

A aldeia Tekoa Pyau encontra-se hoje no local em que José Fernandes construiu sua casa e ainda mantém relações próximas com a Tekoa Ytu, tanto pela contiguidade geográfica como pelas relações familiares e socioculturais. Ou seja, apesar de serem duas aldeias na Terra Indígena do Jaraguá, cada uma possui sua independência, ambas com seus respectivos Caciques e *opy* (casas de reza).

2.3. MAPEAMENTO DA TEKOA YTU

Inicialmente, foi feito o levantamento com Jurandir Karai Jekupe. No dia 29 de agosto de 2019, produzimos em conjunto um croqui (FIG. 6), levantando os conjuntos edificados, rios, córregos e outros elementos pertinentes para se representar a espacialidade da aldeia Ytu. O desenvolvimento do mapeamento se deu primeiramente pelo reconhecimento do espaço e sua transposição para o papel, para depois ser inserido no software QGIS. Contudo, não há precisão nesse georreferenciamento, ou seja, na localização dos elementos levantados. Esse mapeamento é primário, mas pretende ser um pontapé inicial para que haja um levantamento mais preciso das aldeias que foram abordadas nessa pesquisa.

Uma série de fatores foi determinante para que fosse feito apenas o levantamento de uma parte da aldeia Ytu. A princípio, o interesse era realizar o levantamento da Tekoa Pyau, por apresentar uma área maior e ter a maior densidade demográfica dentre as três aldeias. No entanto, o tempo reduzido da pesquisa não permitiu abordá-la. Além disso, houve maior proximidade com as pessoas (incluindo as lideranças Jurandir

e Sônia) da Tekoa Pyau, o que foi essencial para poder conhecer melhor a aldeia.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A urbanidade no entorno das Tekoas Ytu, Pyau e Ita Vera é motivadora dos contrastes entre estas e outras aldeias dos Guarani Mbya. Talvez um fator gritante seja a constatação de que a morfologia aqui apresentada contém aspectos de uma densidade incomum em aldeias, mas comum nos espaços urbanos. Além disso, os recursos naturais fazem falta nas aldeias, o que dificulta a colheita de remédios, materiais para construção, caça, pesca e até atividades cotidianas que poderiam ocorrer nas matas. Apesar desses fatores, parece precipitado considerar a ideia de uma "aldeia urbana" nas aldeias do Jaraguá.

A presença dos espaços comuns demonstra uma forma de assentamento muito própria das aldeias dos Guarani. Espaços abertos compartilhados, cozinha coletiva e casa de reza são alguns dos locais presentes na Tekoa Ytu e garantem o caráter da aldeia como tal. Os que vivem nas *tekoas* Ytu, Pyau e Ita Vera mantêm sua cultura guarani viva, independentemente das dificuldades ou da assimilação de parte da cultura *juruá* e, por estarem inseridos no espaço da urbanidade, demonstram as transformações pelas quais seu povo passa de forma mais intensa. A adaptação da cultura a esse espaço urbanizado recorda o próprio conceito de *Yvy Marã E'ý*, que manteve sua essência ao longo do tempo e das adversidades: o *mbaraete* (que poderia ser traduzido para "força", "resistência") dos Guarani e sua cultura nestas *tekoas* é impressionante.

NOTAS

1. "Resultado do trabalho de uma rede com mais de 200 colaboradores, entre comunidades Guarani, indigenistas e acadêmicos, o Mapa Guarani Continental 2016 apresenta toda a área de ocupação atual do povo Guarani na América do Sul. [...] O Mapa é apresentado em três idiomas — português, espanhol e guarani — e é acompanhado por um livro, editado pelo antropólogo Bartomeu Meliá, com informações sobre a situação atual do povo Guarani nos quatro países por onde se estende seu território de ocupação." (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016, s.p.).

2. Curt Nimuendaju foi um etnólogo que, durante

muitos anos, estudou os povos originários da América do Sul. Nascido em 1883, na cidade alemã de Jena, mudou-se para o Brasil em 1905 e no mesmo ano teve contato com os Guarani na região oeste de São Paulo. Em 1907, após um convívio intenso, deixa de lado seu nome de origem, Curt Unckel, e assume o nome Curt Nimuendaju, que significa "o ser que cria ou faz o seu próprio lar" (FILHO, 2017, p.19).

3. Os textos que seguem este e os próximos subtítulos "Período pré-colombiano: mobilidade", "Os séculos iniciais da colonização Juruá" e "Contemporaneidade: multilocalidade" foram extraídos de "São Paulo Guarani", trabalho desenvolvido no Estúdio Vertical da Escola da Cidade — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2019. Realizado pelos alunos: Ana Clara Marin, Beatriz Vaz, Beatrice Padovan, Flora Campos, Giulio Michelino, Giovanna Tak, Luiza Tripoli, Leonardo Sarabanda e Marina Keiko e orientado pelo professor Daniel Corsi. Em "São Paulo Guarani", a partir da leitura de diversas bibliografias, o grupo realizou visitas às aldeias das Terras Indígenas Jaraguá e Tenondé Porã, assistiu aulas com o Professor Doutor Casé Angatu e produziu um caderno contendo reflexões sobre o espaço consolidado da metrópole paulistana sobreposta ao território outrora ocupado pelos povos originários, ao mesmo tempo em que se discute a presença indígena neste mesmo espaço nos dias de hoje.

4. Para o desenvolvimento do trabalho foram entrevistadas duas lideranças da aldeia Tekoa Ytu: Jurandir Karai Jekupe e Sônia Ara Mirim.

5. "O QGIS é um Sistema de Informação Geográfica (SIG) de Código Aberto licenciado segundo a Licença Pública Geral GNU. O QGIS é um projeto oficial da *Open Source Geospatial Foundation* (OSGeo)". Disponível em: <www.qgis.org/pt_BR/site/about/index.html>. Acesso em: dez. 2019.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Estrangeiros na própria terra**: presença Guarani e Estados Nacionais. Chapecó/Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Índios guaranis lançam Carta **Tenonderã**, 2010. Disponível em: <www.saopaulo.sp.leg.br/blog/indios-guaranis-lancam-carta-tenondera/>. Acesso em: jun. 2017.

CORRÊA FILHO, Virgílio. Curt Nimuendajú. In: LOPES, Jorge Domingues; GARCIA, Marcus Vinícius Carvalho. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes**. Brasília, DF: IPHAN, IBGE, 2017.

EMGC, Equipe Mapa Guarani Continental. Tekohá guasú — tenta guasu: terra e território. In: _____. **Caderno do Mapa Guarani Continental**: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. Campo Grande: Cimi, 2016. p.12-13.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). **Modalidades de Terras Indígenas**. 2019. Disponível em: <www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em: out. 2019

GEOSAMPA. **Mapa Digital da Cidade de São Paulo**. 2019. Disponível em: <geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#>. Acesso em: set. 2019

GOOGLE. **Google Satellite**. 2019. Disponível em: <mt1.google.com/vt/lyrs=s&x={x}&y={y}&z={z}> Acesso em: nov. 2019.

INSTITUTO DE TRADIÇÕES INDÍGENAS; ASSOCIAÇÃO GUARANI TENONDÉ PORÃ. **Carta-manifesto Tenonderã "Olhar para o futuro"**. São Paulo, 2009. Disponível em: <vimeo.com/20263900>. Acesso em: mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

_____. **Cartografias Contínuas**, 2017. Disponível em: <[ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/bases_cartograficas_continuas/bc250/versao2017/](http://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/bases_cartograficas_continuas/bc250/versao2017/)>. Acesso em: ago. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Mapa Guarani Continental 2016**. Disponível em: <www.socioambiental.org/pt-br/mapas/mapa-guarani-continental-2016>. Acesso em: out. 2019.

JEKUPE, Jurandir Karai. Entrevista concedida a Giulio Michelino. In: MICHELINO, Giulio. **Tekoa, cidade e nhanderekó: cultura guarani nas aldeias do Jaraguá, São Paulo**. 2019. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Escola da Cidade, São Paulo, 2019. p.87-93.

LADEIRA, Maria Inês. Mbya Tekoa: o nosso lugar. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.3, n.4, p.57-61, 1989.

MAPA GUARANI DIGITAL. **Aldeias Indígenas**. Disponível em: <guarani.map.as/#/>. Acesso em: ago. 2019.

MIRIM, Sônia Ara. Entrevista concedida a Giulio Michelino. In: MICHELINO, Giulio. **Tekoa, cidade e nhanderekó: cultura guarani nas aldeias do Jaraguá, São Paulo**. 2019. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Escola da Cidade, São Paulo, 2019. p.79-84.

MOTTA, Aline Villela de Mello. **Tekoa Pyau uma aldeia guarani na metrópole**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

NIMUENDAJU, Curt (Unkel). **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo, [1914] 1987.

OLIVEIRA, Bernadete Castro de. Nhandekuary — nossa gente: o tempo da aldeia no espaço da metrópole. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (Org.). **Geografia das metrópoles**. São Paulo: Contexto, 2006. p.91-132.

PIERRI, Daniel Calazans. **O percível e o impercível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento guarani-mbya**. 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) — Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PROGRAMA ALDEIAS (Org.). **Ka'aguy re jaiko = Vivemos na mata**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2016.

VEIGA, Juracilda; AZEVEDO, Marta M. A.; COLMAN, Rosa S. Reocupando territórios, a expansão dos Guarani no Estado de São Paulo. In: AZEVEDO, Marta Maria do Amaral; BAENINGER, Rosana. **Povos indígenas: mobilidade espacial**. Campinas: Núcleo de Estudos de População — Nepo/Unicamp, 2013. p.41-52.

WERA, Mateus [@mateus_wera]. Momentos de luta sempre estarão na sua vida, esteja sempre preparado. Dia 28 de março ocupação da prefeitura de São Paulo. **Instagram**, 6 set. 2019. Disponível em: <www.instagram.com/p/B2FIROVngf3/>. Acesso em: set. 2019.

SOBRE O AUTOR

Arquiteto e urbanista graduado pela Escola da Cidade em 2019.

giuliomich@gmail.com